



Eixo Temático: 2- Releitura dos teóricos da educação

ARTE E LITERATURA: POTENCIALIDADES DA EXPERIÊNCIA ÉTICO-ESTÉTICA PARA A EDUCAÇÃO

Maria Regina Johann¹

Introdução

O texto apresenta a arte e a literatura como linguagens que configuram o amplo universo do mundo humano, que, por suas características específicas, têm um potencial formativo na medida em que oportunizam a experiência de viés ético-estético. Com acento hermenêutico-filosófico, a reflexão que segue tem aporte teórico em Hans-Georg Gadamer (1999, 2010), Nadja Hermann (2010) e Hans-Georg Flickinger (2010).

A hermenêutica filosófica permite afirmar que a interpretação assume uma dimensão de tradutibilidade de sentidos históricos no horizonte singular de cada sujeito que se abre à leitura e à apreciação de uma obra, quer seja artística, literária ou filosófica. Nessa chave de leitura, o encontro com a obra e o texto é uma oportunidade formativa e cocriativa que cada sujeito empreita em perspectiva própria no horizonte de uma tradição histórica, intersubjetivamente tecida e atualizada a cada vez. No enalço dessas ideias, a problematização que segue pretende destacar a experiência artística e literária como um âmbito significativo da compreensão e autoformação humanas, e, para tanto, leva em consideração o fato de a linguagem ser o *medium* de nossa condição e historicidade, ou seja, a esfera em que a compreensão se dá a cada um, num horizonte que é tanto histórico quanto individual.

Resultados e discussão

A arte e a literatura têm uma especificidade: são linguagens configuradas pela poesia. Elas apresentam aspectos do mundo humano de modo extraordinário, e, por conseguinte, oportunizam um estranhamento acerca dos fatos, fenômenos ou das coisas ordinárias do cotidiano. Tanto a arte quanto a literatura nos empurram para fora de nós mesmos desde que

¹ Professora do Departamento de Humanidades e Educação da UNIJUÍ – DHE.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

promovem o encontro com o outro por meio da reflexão entre o particular e o universal, permitindo que ordenemos cada vez mais a nossa própria vida. Isso que nos acontece diante de tais obras Gadamer (2010) chama de experiência.

A poética é o modo de operar do artista, do poeta e do escritor de obra literária, e, por meio dela, produz-se a plasticidade da obra por intermédio dos materiais, das formas, dos estilos e dos procedimentos de criação, configurando o artístico de um modo próprio, singular e, por consequência, original e transgressor.

Na potencialidade transgressora da arte emerge um âmbito estético que mostra algo de modo único, e, assim, podemos apreender sutilezas e visões de mundo humano somente possíveis pela poesia. Ao seu modo, a arte amplia as possibilidades de configuração do mundo humano e, dessa forma, permite uma percepção que, além de estética, também é de horizonte ético. Diante dela, algo novo nos vem e desloca a noção de senso comum que temos acerca das coisas. Neste instante, formulamos um juízo e mobilizamos valores (de belo, feio, certo, errado, justo, não justo) para julgar e interpretar o que se passa conosco. Isso significa que a arte nos enlaça e exige uma posição, e, diante dela, nossa visão de mundo se amplia, nossos valores são esgarçados e somos levados a revisar valores. Ocorre, portanto, que algo nos acontece, nos interpela e expõe uma questão; nesse instante somos arrebatados pela experiência ético-estética.

Para Flickinger (2010), a arte empurra-nos para fora de nós mesmos e, por isso, estaríamos diante de uma situação extraordinária; aquela na qual vivemos uma interrupção do mundo ordinário, instante em que, envolvidos por algo, estamos numa circunstância que põe uma questão de modo radical e, por isso, apresenta a oportunidade de cocriarmos nossa própria existência.

Essas características inerentes à arte também se ajustam à literatura, à medida que ambas se constituem pelo poético. À semelhança da arte, na literatura um mundo se mostra e, a partir disso, podemos realizar a experiência de universalizar o particular. Ao seu modo, arte e literatura configuram-se em linguagens expressivas, poéticas e estéticas que potencializam a ética, ao mesmo tempo em que ambas nos põem diante de circunstâncias extraordinárias e potencialmente autoformativas pelo encontro e reflexão que oportunizam.

Por que a arte e a literatura têm poder de autotransformar? Apoiando-nos em Gadamer (2010) e Hermann (2010), afirmamos que esse poder se faz na potência da *experiência*



estética, uma vez que ela permite encontrar algo indeterminável. Dizendo de outro modo, diante da arte e da literatura entramos – via um jogo estético – em um espaço/tempo além das aparências, e podemos, por isso, encontrar algo que *se esconde* na sutileza da composição, das formas, das metáforas, dos ditos e não ditos nas tramas da obra.

A arte e a literatura surpreendem-nos na medida em que são livres para propor seus arranjos e, portanto, nessa sua especificidade (liberdade da licença poética) reside a surpresa do aparecimento de algo inesperado. Hermann (2010, p. 46) menciona que “[...] o acontecer estético traz uma tensão insuperável de outras formas de autoconsciência, pois nesse acontecer a consciência é contrastada com outras possibilidades e, por um momento, ficamos fora da continuidade de nossas vidas”. Essas possibilidades estéticas são oportunizadas pela especificidade poética que brinca/joga com as coisas, criando arranjos e composições inusitadas, capturáveis pela contemplação e pelo sensível. Nesse sentido, a estética mostra-se fundamental, pois “[...] sem consciência estética não há consciência possível do próprio presente” (HERMANN, 2010, p. 46), tampouco a consciência universal que o fenômeno da arte permite uma vez que essencializa algo que permanece na tradição (GADAMER, 1999).

Subverter, transgredir e fantasiar são dimensões próprias da arte e da literatura; por conseguinte, apresentam-se como um potencial da experiência estética, na medida em que a subversão de sentidos promove algo em nós ou para nós. Esse jogo – que é próprio da arte, da qual a literatura também se vale – é o campo de tensão dessas linguagens, como muito bem evidencia Hermann: “A experiência estética é geradora de um jogo de sentidos que contém um campo de força que permite a autorrepresentação e a autocriação” (2010, p. 46), e, desse modo, possibilita algo que somente nela se mostra possível. O imprevisível, o indeterminável da aparência, proporciona relativizar o domínio do racional, os exageros de erigir a formação e o desprezo de outros âmbitos, como a fantasia, o erotismo e as emoções. O projeto educativo, que deixa de lado a fantasia, se reduz à instrumentalização e a estereótipos as heranças da tradição, fixa modos de ver e pensar e banaliza a própria capacidade de pensar do sujeito (HERMANN, 2010).

A estética permite a experiência de sentidos e, assim, favorece o pensar e, nessa direção, ela pode influenciar a moral. Hermann (2010) observa que, para a ética, defender a força da experiência estética não significa afirmar a sua absoluta determinação, e chama a atenção para o fato de que “[...] num ambiente pós-metafísico configurado por uma radical



pluralidade de orientações valorativas, o aguçamento da sensibilidade para a alteridade que a experiência estética promove pode contribuir para nossa formação ética”. Ancorada em Platão, a autora adverte que “[...] a ética não se ensina, pois ela não se dá no âmbito exclusivo da cognição, tampouco podemos ter certeza que qualquer ‘influência’ no processo pedagógico garanta determinada formação” (HERMANN, 2010, p. 47). Desse modo, é possível compreender que a educação não assegura a ação justa ou ética, mas nem por isso devemos negligenciá-la.

É neste horizonte que a arte e a literatura se põem como potencialidades formativas; isso porque elas permitem a experiência estética e, pela abertura que lhes são próprias, “[...] muito provavelmente ampliem nossas possibilidades de escolha e nosso gosto, tornando visíveis nuances e variações de princípios éticos e tornando mais justo o juízo moral” (HERMANN, 2010, p. 47). Essa aposta se dá por acreditar que a verdade se apresenta além da ciência e do conceito. A ética, portanto, não acontece em um ambiente exclusivo da cognição, por isso requer mobilização também dos sentidos e da ação; logo, os sentidos (sensibilizados) podem potencializar o agir ético.

A noção de que ética não se ensina, mas se vivencia, leva-nos a pensar que a experiência estética é uma aposta em direção aos sentidos; já a ética ocorre em uma razão sensível, em um agir aflorado pelos sentidos. Isso nos permite pensar que quem vive experiências estéticas vive igualmente uma experiência ética, de gosto e juízo, na medida em que mobiliza sentidos, reflexiona e tensiona algo em seu próprio horizonte de compreensão. A possibilidade de que a experiência estética torne mais justo o juízo moral, pode ser explicada pelo modo como ela nos faculta um universo mais amplo de referências para o julgar. Sobre isso, é importante mencionar que não é possível garantir nada a esse respeito, mas somente apostar que um sujeito que viveu experiências é um “sujeito alargado”, enriquecido e, portanto, com potencial reflexivo. O sujeito que experiencia tem bagagem/repertório que poderá aflorar e ser mobilizado na ação. A riqueza desse sujeito está nas referências que lhe permitem escolhas para um agir ético (o que também não garante a coerência ou ética de seu agir). Essa ideia é somente mais uma aposta em direção à educação desse ser incompleto que somos e que necessita educar-se.

Diante disto, a experiência estética ajuda-nos a compreender que não se ensina a virtude (a *Areté*), porém se experiencia a virtude. Sem ela o homem fica afastado de sua



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

humanidade, mas isso, que nos constitui capazes de julgar e emitir juízos, necessita ser construído na vivência, nas relações intersubjetivamente dadas, quando algo fica posto para nós como uma noção ou viver ético em relação ao outro. Há, nisso, um potencial educativo, porque estar com os outros é estar mediante uma circunstância na qual aspectos de virtude encontram-se em questão como possibilidades de reflexão e formação.

Ampliando um pouco estes aspectos em direção à educação, é necessário observar que, por não ser ciência, a virtude, assim como a arte, requer a ação. Ambas estão na dependência da vivência e da experiência. Nesse caso, podemos nos referir à virtude e à arte como dimensões singulares da tradição do mundo humano, que instituem visões de mundo e permitem aberturas para pensar a condição humana em suas múltiplas possibilidades de ser. Tanto a virtude quanto a arte não se bastam em conceitos e definições; ambas requerem uma vivência sobre a qual o sujeito age e se põe a pensar de modo singular.

Na experiência artística algo acontece que não se pode prever e tampouco se pode controlar; isso é assim, uma vez que o fenômeno (a circunstância) nos enreda e nos coloca em um pleno acontecimento. Essa especificidade seria a força da arte, a qual necessita ser experienciada e refletida como um acontecimento que, de algum modo, mobiliza o repertório, a bagagem do sujeito, que pode ser um diferencial da experiência. Aposta-se, justamente, que, nesse agir, aquilo que somos “nos vem” como uma referência de ação e de julgamento. O ensino, que considera isso um âmbito formativo, potencializa a formação para além dos conteúdos conceituais, das habilidades e das competências, e se ocupa, então, também, da formação que contempla os sentidos.

Esta noção corrobora o pensamento gadameriano. Para Gadamer (2010), a experiência estética nos atinge em duplo sentido, uma vez que traz o estranho e exige uma decisão moral que requer o gosto. O estranho permite rever nossos esquemas familiares, e o agir moral mostra que a experiência estética nos solicita e depende dos sentidos e do gosto, como observa Hermann (2010). Nesta chave de leitura, educar os sentidos, possibilitando a formação de uma razão sensível, passa a ser um desafio à educação.

O fenômeno do qual a arte é originária, como algo que se faz no mundo da vida, “[...] que não se esgota na subjetividade, nem na objetividade, mas se dá *na* e *com* a experiência” (HERMANN, 2010, p. 49), concede outros modos de expressão. Diante dessa característica, o conhecimento oportunizado pela arte e pela literatura deixa entrever que as verdades do



mundo humano vão além das verdades da história, da ciência e da filosofia. A contribuição dessas linguagens vai na direção de ampliar o entendimento do que seja mundo humano, uma vez que a experiência estética abre as possibilidades da comunicação, da expressão e da materialização de ideias. Tais linguagens escapam dos discursos que buscam enquadrá-las em verdades ou prescrições (enquadramentos estilísticos, atividades didáticas, o que o artista quis dizer...), e nisso nos surpreendem, mostrando-se como possíveis janelas abertas a diferentes paisagens e horizontes. Agrega-se a isso o fato de que a estética oportuniza que a alteridade se manifeste, e aí reside um potencial reflexivo muito oportuno para a formação humana.

Por fim, a lembrança da dimensão fenomenológica da arte, que vale, em certa medida, também para a literatura, é, de algum modo, “[...] uma crítica à consciência estética abstrata para recuperar a dimensão ontológica e expor seu caráter interpretativo” (HERMANN, 2010, p. 50). Esta reivindicação evidencia o caráter surpreendente da experiência estética e sua força para nos revelar o mundo, e reafirma a elevada qualidade ontológica da obra de arte, pois, na experiência que fazemos com ela, *algo emerge como verdade*. Esta reivindicação nos leva a pensar que na “[...] arte não há referência a um ser autêntico; ao contrário, a verdade está naquilo que a experiência estética vivencia” (HERMANN, 2010, p. 50), pois a vivência da arte representa o todo do sentido da vida, e “[...] uma vivência estética contém sempre a experiência de um todo infinito” (GADAMER, 1999, p. 131). Assim, a educação, que considera a estética uma dimensão constitutiva da aprendizagem e do ensino, potencializa uma razão sensível, um olhar pensante, uma percepção aflorada e, por consequência, também crítica. Nesta perspectiva, a arte e a literatura têm potencial autotransformador e podem promover um olhar mais sensível em direção ao outro e à diversidade das expressões simbólicas do mundo humano.

Considerações finais

Na pluralidade de áreas de conhecimento que constituem a escola, refletir acerca da diversidade de pontos de vista é, de nosso horizonte de compreensão, uma oportunidade ímpar de formação, pois permite que a especificidade de cada perspectiva se integre no horizonte formativo de cada sujeito, enriquecendo, por conseguinte, a sua formação pessoal e sua disposição à pluralidade.



Ler obras de arte e de literatura e abrir-se à experiência cocriadora que elas promovem, portanto, é um ato autoeducativo; é cuidar-se enquanto *ser-no mundo*. Entregar-se à experiência é colocar-se na condição de cigano e pirata, pois é aventurar-se, ir em direção ao desconhecido. Ler, apreciar e refletir também são ações subversivas, de não aceitação de verdades absolutas. Entregar-se à arte e à literatura é uma atitude de alteridade; um pôr-se na contramão, algo fundamental em tempos de verdades e não verdades, como o que vivemos no tempo presente.

Referências

FLICKINGER, Hans-Georg. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção educação contemporânea).

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica da obra de arte**. Tradução Marcos Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum**. Ensaio sobre educação ético-estética. Ijuí: Editora Unijuí, 2010. (Coleção fronteiras da educação).

Palavras-chave: Autotransformação. Educação. Formação humana.